

O ALUNO INTERNO DO CAVG/IFSUL: LIMITES E POTENCIALIDADES DE SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

LEANDRO RODRIGUES DA SILVA¹; LUCIANE SOARES RIBEIRO²; VERIDIANA SOARES RIBEIRO³; MARIA ZORAIDE PACHECO PEREIRA⁴; ANGELITA SOARES RIBEIRO⁵; FABIOLA MATTOS PEREIRA⁶

¹IFSUL/CAVG – le.leandro.rds@gmail.com.

² Prefeitura Municipal de Pelotas ; Prefeitura Municipal do Rio Grande; IFSUL/CAVG-
lusrib@yahoo.com.br.

³ Prefeitura Municipal de Arroio do Padre; Governo do Estado do Rio Grande do Sul-
veridiana_ribeiro@yahoo.com.br.

⁴ Faculdade Anhanguera; IFSUL/CAVG- mariazpp@hotmail.com.

⁵ IFSUL/CAVG- angelitaribeiro@cavg.ifsul.edu.br- ORIENTADORA.

⁶ IFSUL/CAVG- fabiolapereira@cavg.ifsul.edu.br- CO-ORIENTADORA.

1. INTRODUÇÃO

Como Técnico em Meio Ambiente e graduando em Gestão Ambiental, passo a integrar a equipe de o projeto de pesquisa “Aluno(a) interno(a) do CaVG: Quem é ele(a)?”, vinculado ao Câmpus Pelotas Visconde da Graça (CaVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) que tem como objetivo conhecer de uma maneira ampla quem é o aluno, residente da moradia estudantil do CaVG, historicamente denominado de “aluno interno do CaVG”. Pretendo aqui discutir alguns dados obtidos e conclusões parciais na pesquisa sob uma perspectiva de análise ambiental. Ou seja, trata-se de, a partir da narrativa dos alunos e alunas sobre seus contextos de origem e sobre os significados do “ser aluno interno do CaVG”, traçar os limites e potencialidades dos modos como estes se relacionam com o meio ambiente, pensando modos de reprodução sociocultural de suas famílias e ao mesmo tempo a preservação ambiental.

2. METODOLOGIA

A indissociabilidade histórica do CaVG ao regime de internato demonstra a constante presença de ações na área da Assistência Estudantil.

Atualmente, o internato constitui-se como um projeto do Programa de Assistência Estudantil gerenciado pela Coordenadoria de Assistência Estudantil (CAE) do CaVG, vinculado em âmbito federal ao Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) que objetiva contribuir no acesso, permanência e êxito escolar de alunos oriundos de escolas públicas e/ou em situação de vulnerabilidade social.

Em contrapartida, percebe-se que, apesar de a execução de projetos de assistência estudantil ser imprescindível no processo de acesso à educação formal, ainda não é suficiente para que se promova ações efetivas de permanência e êxito escolar de nossos alunos, bem como, de sua posterior inserção no mundo do trabalho.

Os objetivos deste projeto são os seguintes:

- Conhecer quem é o(a) aluno(a) interno(a) do CaVG, compreendendo seus contextos de origem e seus modos de saber/fazer/viver, para que assim possamos problematizar a concepção de educação que se faz necessária para uma real inserção dos coletivos sociais oriundos da classe trabalhadora.

- Compreender que Programa de Assistência Estudantil é necessário para atuar de maneira eficaz na esfera da luta contra as desigualdades de acesso e permanência à educação e de uma efetiva inserção da classe trabalhadora na educação formal;

- Identificar a maneira como a auto-imagem do(a) aluno(a) interno(a) é alterada após sua inserção no CaVG;

- Problematizar modos pelos quais o ensino, a pesquisa e a extensão se elaborem dentro de uma lógica que abrigue os contextos socioculturais de nossos alunos.

O universo da pesquisa abrange aproximadamente 100 (cem) alunos(as), sendo alguns deles maiores de 18 anos e a maioria menores.

A partir do método etnográfico esta pesquisa pretende conhecer e analisar os contextos (culturais, econômicos, sociais, histórico/geográficos, políticos, ecológicos, artísticos, religiosos e cosmológicos) de origem e atual dos alunos internos do CaVG, utilizando instrumentos como observação participante, entrevistas semi-estruturadas, captação de imagem e áudio e registro em diário de campo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os grupos distintos de alunos, oriundos do espaço rural, que habitam o internato, dedico-me por fim a refletir sobre a relação com o meio ambiente relatada pelo grupo de alunos descendentes de imigrantes alemães e italianos e a forma como relatam sua relação com o meio ambiente.

Um aluno interno, do curso de agropecuária, oriundo de uma família de agricultores familiares, ao ser questionado sobre agroecologia, diz o seguinte:

Eu vou ser bem sincero, a gente tentou trabalhar com orgânico, só que diferente de muitos agricultores que dizem que respeitam a carência de agrotóxico ou alguma coisa... E não respeitam. Então para se dizer que ele é totalmente orgânico... Isso eu duvido. Eu quero que ele chegue e me prove. Por que muitos dizem que para curar cochonilhas na couve se usa fumo em álcool... Quanta toxicologia tem no fumo? Então não é orgânico! Tem muita coisa que diz ser orgânico, e não é. Aqui nesta feira ecológica quero ver um feirista chegar e me provar. Eu discuto. Discuto e quero que me prove, só acredito vendo. Pois é muito difícil ter um alimento bonito e saboroso sem tu usar pelo menos pouca coisa pra cuidar. Pois na nossa região que dá na batata é a podridão... Tem muita coisa que não tem com o quê curar.

Tu aplica uma vez, tu respeita a carência, tu aplica quando é pequeno e até a planta crescer já perdeu.

Percebo na fala do aluno os desafios que se colocam quando ele e sua família tentam produzir com respeito maior à sua saúde e conseqüentemente ao meio ambiente. O desejo de plantar ecologicamente existe, no entanto, a subsistência se coloca como uma urgência e a agricultura “puramente ecológica”, atingindo os três níveis propostos pela agroecologia, seriam uma utopia distante.

O aluno também parece questionar uma indústria que se cria sob o “rótulo orgânico” sem, na verdade, problematizar temáticas como as toxicologias presentes em insumos ditos orgânicos e os períodos de carência de uso de agrotóxicos.

No entanto, como esclarece Gliessman (2005), a agroecologia é muito mais do que uma agricultura ecológica, já que prevê um desenvolvimento que priorize as questões sociais, ambientais, econômicas e culturais, garantindo a

justiça social e a possibilidade de uma vida digna aos agricultores familiares, promovendo um desenvolvimento sustentável. A agroecologia vem buscando alternativas sustentáveis de agricultura, que beneficiem a qualidade de vida dos próprios agricultores e consumidores, como do meio ambiente em que se desenvolve essa agricultura, utilizando práticas racionais que não degrade os solos e as águas, mantendo então um espaço de agricultura que se desenvolve em harmonia com a natureza.

Segundo Altieri, 2002 a agroecologia fornece uma abordagem e diretrizes para o desenvolvimento de um sistema de produção agrícola adequado não só do ponto de vista ambiental, como também do ponto de vista da preservação das estruturas sociais de diferentes comunidades rurais.

Neste sentido o mesmo aluno que narra sobre os limites de uma agricultura ecológica, apresenta as potencialidades sustentáveis do modo como sua família se relaciona, produz e comercializa:

O meu brinquedo era, o pai chegava cansado da lavoura e ia brincar de bolinha de gude no chão dente casa, desenhava uma taboa no chão e ai ia brincar. Aquele era meu brinquedo com o pai de noite e mesmo assim não dava para brincar muito porque o pai chegava cansado da lavoura.

Plantamos milho, alface, pepino, tomate, couve, tudo. Hortifrutigranjeiro... Plantamos de tudo... Morango... Bah! Tudo que é coisa.

A gente vende na feira ao lado do Largo Vernet, na curva da morte. Todo sábado de manhã, inclusive eu saio daqui (CaVG) sexta de noite, chego em casa e sábado de manhã, 5 horas vamos para feira.

Trabalhamos mais com a Agricultura. É este ano nos plantamos bastante milho, para sustentar e não precisar comprar... Para dar pra os bichos.

Dessa forma, compreendemos que é importante não perder de vista que os pré-requisitos para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável não são apenas biológicos ou técnicos, mas também sociais, econômicos e políticos, ilustrando as exigências necessárias à sociedade sustentável. É inconcebível promover mudanças nas dimensões do primeiro nível- ecológica, econômica e social- sem pensarmos nas dimensões do segundo- cultural e política- e terceiro nível-ética.

4. CONCLUSÕES

Como Altieri (2002) salienta, o mais importante pré-requisito da agricultura ecológica é um ser humano evoluído e consciente, cuja atitude com respeito à natureza seja de coexistência e não exploração.

Desta forma, é urgente para nós, que atuamos na esfera da política ambiental, desnaturalizarmos “os mitos da natureza intocada”, pensando ações que preservem o meio ambiente, sem esquecer que o homem também é parte dele. É urgente a desresponsabilização de grupos minoritários sobre os problemas ambientais contemporâneos e uma efetiva responsabilização das grandes empresas industriais e agrícolas que degradam e extraem recursos de maneira desenfreada, na maioria das vezes com a legitimidade do Estado.

Ressalto por fim que, entendo que assim como as políticas ambientais estatais devem considerar as diversidades “bio” e “étnicas” nas ações de

preservação/recuperação do meio ambiente, as instituições de ensino também precisam abrigar os múltiplos modos de vida, conhecimento e trabalho trazidos pelos alunos.

A inserção de grupos minoritários, como os alunos oriundos da agricultura familiar, na educação formal dos institutos federais, será sempre ilusória se não formarmos espaços de acolhimento para seus modos de vida e trabalho, suas territorialidades, suas descobertas e invenções, suas técnicas, sua organização política, seus sistemas de parentesco, seus sistemas de conhecimento, suas crenças religiosas, sua língua, sua psicologia e suas criações artísticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOMILLI, G.K. **Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe**. 2002. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Curso de Pós-graduação Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 2002.

ANTUNEZ, J.L.L. **CAVG, História de um Patronato**. Pelotas: Ed. Universitária, 1996.

CONSELHO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE. **Resolução nº 306/2002**.

DIEGUES, A.C.; NOGARA, P. **O nosso lugar virou parque: estudo sócio-ambiental do Saco de Mamangua-Parati-Rio de Janeiro**. São Paulo: NUPAB-USP, 1994.

DIEGUES, A.C. **O Mito da Natureza Intocada**. São Paulo, Hucitec, 1996.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 2000. 654p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Decreto nº 7.234/2010**. Programa Nacional de Assistência Estudantil.

NORMA ISO 14001. 2003.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Constituição Federal de 1988**.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Lei nº. 6.938 de agosto 1981**. Política Nacional do Meio Ambiente.

PEBAYLE, R. Os difíceis encontros de duas sociedades rurais. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, ano 20, 18: 3-22, 1975.

VICENTE, M. A. **O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923-1934): gênese e práticas educativas**. 2010 Dissertação. (Mestrado em Educação)- Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.